



## Falando de um rosto suado...



Hoje me deparei com uma foto da "Boneca de Leonel". (Abro um longo parêntese para quem não sabe: a Boneca de Leonel, criação de Leonel Beirão, um mulato dono de uma funerária tão famigerada quanto sua cria, era, literalmente, a maior atração das ruas de Montes Claros, liderando o setor de propaganda dos idos 1960, concorrendo até mesmo com a ZYD7, emissora da Cadeia Verde e Amarela, então, a única rádio do norte de Minas, e com os jornais da imprensa local. Por anos, a sua fama superou até a de muitos figurões da "Princesinha do Norte". Tinha gente que podia ignorar a existência do prefeito municipal, do padre, do juiz - não a da Boneca de Leonel. Para competir com ela, na fama, só o Rei Pelé ou Mané Garrincha, como nos batizávamos correndo com uma bola nos pés.)

Dito isso, a foto, cuja autoria, infelizmente, não sei dizer, me fez lembrar da Boneca de Leonel que ajudou a fantasiar a minha e a infância de muitos da minha geração. Cada um de nós, que tivemos a sorte de vê-la pelas ruas, nutre algo especial em relação àquela enorme figura que desfilava e dançava ao som de uma animada banda musical. Era a garota-propaganda mais concorrida do comércio montesclarenses. Quem não anunciasse com a Boneca de Leonel teria menos sucesso. Propaganda melhor ninguém faria e é a alma do negócio, diria ela, de quem não me aproximava nem que me oferecessem todas as guloseimas dos botecos da rua Melo Viana, no bairro Morrinhos, onde viveu, nasceu e onde morei por alguns anos. Era vizinho dela.

A Boneca de Leonel me fascinava. Fascínio que eu dividia entre admiração e medo sempre que a encontrava. Até os últimos dias em que dançou pelas ruas (hoje descansa em um museu, virou história), me passou essa sensação. Depois, eu era ser miúdo e o seu tamanho parecia maior, colossal, o que me deixava mais assustado como diante de um bicho-papão. Difícil acreditar que era apenas de arame, papelão e tecidos das Casas Pernambucanas, aliás, um de seus anunciantes.

Certo dia, criei coragem e me aproximei para conferir se realmente ela não era gente - e se dentro dela, de fato, tinha gente de verdade. Queria ver para crer. Através de uma abertura na roupa, entre um "seio" e outro, finalmente vi o rosto de um homem que, debaixo da pesada armação, me afirmavam, a conduziria numa animação frenética.

- Verdade! A boneca não é gente! - comemorei.

Dentro dela estava um homem de quem víamos apenas os pés. Nunca me esqueci do seu rosto. Era o rosto de um homem negro, de um homem suado, de olhos arregalados, que pareciam sorrir, olhando pra mim. Imagino que muitos outros homens, como ele, de rostos suados e olhos arregalados, repetiram o trabalho pesado que lhe coube até que minassem suas forças. É, portanto, lembrando daquele rosto que vi no ventre da Boneca de Leonel, que reverencio todos os outros que a carregaram dia e noite. Sem eles, ela não teria ganhado vida e nem marcado a nossa com tamanha fantasia.

(\*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.

